

Prévia do PIB aponta o declínio Economia tem a pior queda mensal desde março de 21, diz BC



Reprodução

Denunciado por pedofilia, Gabriel Monteiro apoia Jair após a fala sobre crianças venezuelanas

Gabriel Monteiro, ex-vereador do Rio de Janeiro cassado por falta de decoro e indiciado por manter relações sexuais com uma menina de 15 anos, manifestou sua solidariedade e apoio a Bolsonaro na live que o presidente fez para rebater a acusação de que cometeu crime de pedofilia ao declarar que “pintou um clima” quando avistou meninas venezuelanas de 14 e 15 anos, no DF. **Pág. 3**

Alimentos sobem mais que o IPCA há sete meses e agravam a fome

Há 7 meses que a inflação dos alimentos tem superado o índice geral de inflação oficial. No mês passado, o grupo de alimentos e bebidas registrou alta de 11,71% no acumulado dos últimos 12 meses, acima do IPCA (7,17%). **Página 2**

Governo manobra e faz 16,5 milhões pagarem mais IR

Estudo da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil mostra que se a tabela do Imposto de Renda fosse corrigida integralmente, mais 16,5 milhões de pessoas estariam isentas. **Pág. 5**

Turquia sediará distribuição de gás em projeto com a Rússia

A decisão do presidente da Turquia de trabalhar com a Rússia para estabelecer uma nova central de distribuição de gás com sede em Ancara se deu durante reunião com Putin, no Cazaquistão. **Página 6**



Desastre econômico perdeu a maquiagem antes mesmo da eleição

A economia brasileira registrou queda de 1,13% em agosto, na comparação com julho deste ano, de acordo com o Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) do Banco Central (BC). Trata-se do maior recuo mensal do indicador desde março de 2021.

O índice desmente Bolsonaro e mostra que, ao invés de estar bombando, a economia está bombardeada. O IBC-BR é considerado uma “prévia” do PIB por antecipar os resultados da atividade econômica, mas usa metodologia diferente do IBGE, responsável pelo número oficial. **Página 2**

Simone pede voto para Lula no RJ: ‘Único candidato democrata’



Bolsonaro repete que moradores de favelas são bandidos, na Band

O ex-presidente Lula, no debate da Band, no domingo (16), saiu em defesa do povo pobre das comunidades. “Eu fui a uma comunidade no Complexo do Alemão, povo extraordinário, trabalha-

dor, fizemos uma passeata extraordinária e exuberante, e ali não tinha bandido na passeata. Ali tinha mulheres e homens que trabalham, que levantam cinco horas da manhã para trabalhar. Os

bandidos o senhor sabe onde estão. Os bandidos... tinha um vizinho seu que tinha cem armas dentro de casa. O senhor sabe. Esse não era da favela do Complexo do Alemão”, denunciou Lula.

Bolsonaro havia dito: “o senhor esteve atualmente no Complexo do Salgueiro [errou também o local, foi Complexo do Alemão]. Não tinha nenhum policial ao seu lado. Só traficante”. **Pág. 3**

“Eu sou dona somente do meu voto, mas eu espero que os quase cinco milhões de votos que vieram para mim e a favor da democracia migrem para o único candidato democrata do Brasil”, afirmou a senadora Simone Tebet (MDB), ex-candidata à Presidência, após caminhada pró-Lula, no Rio de Janeiro. “Tenho certeza de que a população brasileira, os meus votos e os dos indecisos serão decisivos para tirar o Bolsonaro do poder”, disse Simone na caminhada, realizada no domingo (16), que reuniu uma ampla frente de forças políticas. **Página 3**

Bolsonaristas fazem baderna e agridem em Aparecida

www.horadopovo.com.br

Fotos: Daniel Carvalho/AFP - Tânia Régio/ABr

Em agosto, 79% das famílias estavam endividadas, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). O endividamento seguiu crescendo em setembro (79,3%), batendo recorde na proporção de endividados das famílias de menor renda, que “pela primeira vez na história da pesquisa, ultrapassou a marca de 80%, chegando a 80,3%. O maior patamar já registrado na série histórica da pesquisa da CNC, que teve início em 2010”, destacou a entidade.



Arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer

Bolsonaristas atacam Dom Odilo, que alerta contra o fascismo: “sabemos as consequências”

Após ser hostilizado por publicar no Twitter uma reflexão sobre brigas políticas, o cardeal e arcebispo de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer, respondeu às acusações de estar “apoando” a esquerda por aparecer em trajes religiosos na cor vermelha em sua foto de perfil na rede social.

Em uma série de tuítes, o arcebispo pediu “calma”, disse que apenas colocou “uma pergunta” e falou que “não era preciso xingar tanto quem fez a pergunta”.

A reflexão de dom Odilo, publicada na rede social neste domingo (16), alertava sobre “briga política” entre amigos e familiares.

“A fé em Deus permanece depois das eleições; assim, os valores morais, a justiça, a fraternidade, a amizade, a família... vale a pena colocar tudo isso em risco no caldo da briga política?”, escreveu o arcebispo. Em seguida foi alvo de críticas.

Entre elas, o religioso recebeu questionamentos sobre sua posição em relação ao aborto – que é repudiado pela igreja, ao comunismo e sobre a cor da roupa. “Qual vermelho você veste? O do mau, do comunismo, ou o vermelho do amor?”, perguntou um seguidor.

“Se alguém estranha minha roupa vermelha (perfil), saiba que a cor dos cardeais é o vermelho (sangue), simbolizando o amor à igreja e prontidão ao martírio, se preciso for. Deus abençoe a todos. Mas ninguém machuque ninguém”, respondeu dom Odilo.

Internautas também associaram o religioso ao ex-presidente Lula (PT) e a uma suposta “ditadura da esquerda”.

Em uma série de publicações, o arcebispo alertou para as “consequências” do momento político atual e comparou os ataques recebidos por ele ao “fascismo”.

“Tempos estranhos esses nossos! Conheço bastante a história. As vezes, parece-me reviver os tempos da ascensão ao poder dos regimes totalitários, especialmente o fascismo. É preciso ter muita calma e discernimento nesta hora”, escreveu. E emendou: “Para ser mais claro: parece-me reviver os tempos da ascensão do fascismo ao poder. E sabemos as consequências”.

“Calma, povo! Depois das eleições, todos precisam continuar a viver juntos”, disse.

O líder católico lembrou que já escreveu muitos artigos contra o aborto e indicou o site da arquidiocese, onde seus textos são publicados.

“Desafio alguém encontrar pauta a favor do aborto”, observou.

“Alguém tem dúvidas? Creio em Deus, em Cristo Salvador, amo a Palavra de Deus e da Igreja. Sou a favor da família, contra o aborto e toda violência contra a pessoa; não aprovo comunismo nem o fascismo; sou a favor da moral dos mandamentos de Deus. Estou em comunhão com o Papa...”, completou o cardeal sobre suas crenças.

Simone pede voto para Lula e participa de caminhada no Rio



Divulgação

Caminhada pela candidatura de Lula foi no Leblon, orla do Rio de Janeiro, no domingo

Na Band, Jair Bolsonaro repete que moradores de favelas são bandidos

O ex-presidente Lula (PT) iniciou o debate deste domingo (16) na Band denunciando que o auxílio emergencial de Bolsonaro só vai até dezembro. Ele fez isso ao responder a uma pergunta sobre como manejar o orçamento, feita pelos entrevistadores. “A ajuda deste governo só vai até 31 de dezembro porque não está na LDO”, apontou Lula, lembrando que Bolsonaro só queria que fosse 200 reais de ajuda emergencial.

Diante da crítica de Bolsonaro de que Lula não teria feito investimentos, o ex-presidente respondeu com dados de sua administração. “Quando nós fizemos o PAC, em fevereiro de 2007, nós investimos praticamente um trilhão e quatro bilhões de reais durante todo processo do PAC para construir treze mil obras que foram entregues e mais treze mil que ficaram para terminar, que algumas estão terminando agora”, afirmou.

AUXÍLIO

Bolsonaro não respondeu à cobrança de Lula sobre porque ele não incluiu a verba para a continuidade do auxílio para o ano que vem. Ele mentiu dizendo que pretende manter o auxílio durante o seu governo, mas não garantiu no orçamento. Sem dizer como manteria o auxílio, Bolsonaro questionou que nos governos do PT o Bolsa Família era menor.

Lula rebateu dizendo que ele estava mentindo e que em seu governo foi feita “a maior política de inclusão social que a história desse país conheceu”. “Nós geramos 22 milhões de empregos, nós aumentamos o salário-mínimo, nós fomos o governo que mais fez universidade e escola técnica nesse país. E por isso eu até gostaria de fazer uma pergunta para o candidato meu adversário: quantas universidades e quantas escolas técnicas o senhor fez como presidente da República?”, indagou o ex-presidente.

Bolsonaro não respondeu sobre as universidades. Ele se fixou no valor menor do Bolsa Família e se dirigiu aos eleitores do Nordeste para tentar desgastar Lula, que está disparado na frente entre os nodestinos. Lula não perdoou. “Eu perguntei quantas universidades você fez. Perguntei quantas es-

colas técnicas você fez e você não respondeu. Não tem o que dizer. Você tenta desviar e vem falar do Bolsa Família? O nosso programa de inclusão social não era só o Bolsa Família.

“O nosso programa de inclusão social foi a maior política de distribuição de renda que esse país já conheceu para o pobre, porque ajuda ao pequeno produtor rural, era um milhão e quatrocentos mil cisternas que nós fizemos para o Nordeste. Criamos o PNAE para levar comida para as crianças mais pobres, e a gente comprava com dados do pequeno produtor. Além do aumento do salário-mínimo de 74%. Mas eu queria voltar à pergunta inicial: Quantas universidades e escolas técnicas o seu governo fez?”

BOLSONARO: SEM UNIVERSIDADES

Bolsonaro justificou não ter construído universidades por causa da pandemia. “Seu Lula, durante a pandemia, dois anos as universidades ficaram fechadas. Não tinha cabimento você abrir universidade para ficar fechada”, disse ele, admitindo que não fez nada nesta área. Tentou descontar dizendo que o FIES, programa de bolsas de estudo deixou os alunos endividados. “O senhor mais endividou a garotada do que deu ensino de qualidade”, disse Bolsonaro.

Lula respondeu que Bolsonaro fez muito pouco pela Educação e passou a cobrar sobre o desastre da pandemia. “Eu já percebi que ele não quer dizer que vergonhosamente ele fez uma universidade em Tocantins, que a presidenta Dilma é que tinha aprovado. Porque nós fizemos 18 universidades novas, 178 campus, além do Prouni e do Fies. O Fies a pessoa não tinha que pagar enquanto estava estudando. Eu não vou perguntar de universidade, porque parece que o senhor não sabe”, afirmou Lula, para logo em seguida falar da pandemia.

“O Brasil tem 3% da população mundial. E o Brasil teve 11% das mortes da pandemia no mundo. Por que que houve tanta demora para se comprar vacina? O senhor não se sente responsável? O senhor não carrega nas costas um pouco do sofrimento dos brasileiros de ser responsável pelo menos por 400 mil mortes nesse país?”, in-

dagou o ex-presidente.

Bolsonaro tentou se passar por grande defensor das vacinas e disse que o Brasil foi um dos primeiros a começar a vacinar. Lula desmentiu essas afirmações. “O senhor atrasou a vacina, depois tendo um processo inclusive de corrupção definido e denunciado pela CPI. E o fato concreto é que a sua negligência fez com que 680 mil pessoas morressem quando mais da metade poderia ter sido salva”, denunciou Lula.

O ex-presidente seguiu denunciando Bolsonaro. “A verdade é que o senhor não cuidou, debochou, riu, dizia que quem tomava vacina virava jacaré, virava homossexual, que não podia tomar vacina. O senhor gozou das pessoas, imitou as pessoas morrendo afogadas por falta de oxigênio em Manaus. Ou seja, não tem na história de nenhum governo do mundo alguém que brincou com a pandemia e com a morte como você brincou”, apontou Lula.

CONTRA VACINAS

Ele lembrou que Bolsonaro falou até em virar jacaré se tomasse a vacina. “Você aparece dizendo que quem tomar vacina vai virar jacaré, vai pegar doença. Você virou vendedor de um remédio que não servia para nada. Você divulgou um remédio que a ciência negou o tempo inteiro. Você não respeitou o Butantan, você não respeitou a Fiocruz que são laboratórios de excelência nesse país que poderia ter lhe ajudado. Se tivesse humildade, você poderia ter resolvido parte do problema. Mas certamente você não quis resolver porque você não quis entender o sofrimento do povo”, disse Lula.

Bolsonaro tentou se esquivar do assunto acusando os governadores do Nordeste por corrupção na compra de equipamentos durante pandemia. “Se você tivesse o mínimo de responsabilidade para cuidar da população, você teria primeiro ouvido os governadores dos estados. Eles criaram um consórcio, eles tentaram comprar vacinas. O Ministério da Saúde não permitiu. E quando o Brasil começou a dar vacina, em janeiro de 2007, São Paulo começou a dar vacina, 57 países já tinham dado a vacina”, disse Lula desmentindo que o Brasil tenha começado cedo a vacinar.

A senadora Simone Tebet, ex-candidata à Presidência, participou de uma caminhada pró-Lula, no Rio de Janeiro, e pediu para seus 4,9 milhões de eleitores votarem no “o único candidato democrata”

A senadora Simone Tebet (MDB), ex-candidata à Presidência, participou de uma caminhada pró-Lula, no Rio de Janeiro, e pediu para seus 4,9 milhões de eleitores votarem no “o único candidato democrata” no segundo turno para derrotar Bolsonaro. “Tenho certeza de que a população brasileira, os meus votos e os dos indecisos serão decisivos para tirar o Bolsonaro do poder”, comentou.

Tebet terminou a disputa presidencial em terceiro lugar, tendo recebido 4,9 milhões de votos, o equivalente a 4,2% do total.

“Eu sou dona somente do meu voto, mas eu espero que os quase cinco milhões de votos que vieram para mim e a favor da democracia migrem para o único candidato democrata do Brasil”, continuou.

Para ela, Lula “sempre, através da democracia, respeitou a Constituição, com a implantação de políticas públicas e sociais, pode nesses próximos quatro anos não só acabar com os retrocessos civilizatórios que tivemos, mas avançar em políticas públicas”.

Durante a caminhada, feita na orla do Leblon, os presentes gritavam “fora Bolsonaro” e cantavam uma música que diz “tá na hora do Jair já ir embora”. Também participaram os deputados Alessandro Molon (PSB), que foi candidato ao Senado, e Jandira Feghali (PCdoB), reeleita.

Jandira afirmou que a “contribuição” de Simone Tebet na campanha de Lula “é super importante, porque ela teve um desempenho relevante na campanha, como mulher e com propostas para o Brasil. Ela teve mais de 4% dos votos, o que num segundo turno é muito

significativo”.

“É o fato de ela vir aqui ao Rio de Janeiro, numa região muito dividida, pode ajudar a trazer os indecisos e os eleitores dela para a campanha do Lula”, apontou.

Molon afirmou que o apoio de Tebet a Lula “mostra o compromisso dela com a democracia e com a Constituição. Este é um momento muito delicado do Brasil, e o fato de ela ter tomado uma posição tão corajosa precisa ser celebrado. Deve ser motivo de cumprimentos a ela e também de aproveitar a ajuda dela para virar cada voto e fazer a democracia prevalecer no país”.

Na avaliação do deputado estadual Luiz Paulo Corrêa da Rocha (PSD), “o apoio dela no segundo turno é importantíssimo. Primeiramente, pelos votos dela, que é um contingente expressivo, segundo pelos indecisos e também por aqueles que votaram nulo. Então, acho que é uma contribuição muito importante”.

Luiz Paulo Correa da Rocha avalia que Simone Tebet foi a grande revelação da eleição “pelo seu desempenho pessoal, pelos milhões de eleitores no primeiro turno, pelos partidos políticos que ela representou”.

CORRUPÇÃO

Tebet apontou que Jair Bolsonaro e seu governo estão envolvidos no esquema de corrupção conhecido como “orçamento secreto”.

“Eu não tenho dúvida que o esquema de corrupção está institucionalizado. Eu fui vítima do orçamento secreto. Eu sei exatamente como ele foi criado, por quem ele foi criado e para quem ele foi criado. O Governo Federal está envolvido, é o artefice de todo esse esquema lamentável”, disse.

Denunciado por pedofilia, Gabriel Monteiro apoia Bolsonaro após a fala sobre crianças venezuelanas

Gabriel Monteiro, ex-vereador do Rio de Janeiro cassado por falta de decoro parlamentar e indiciado por manter relações sexuais com uma menina e 15 anos manifestou sua solidariedade e apoio a Bolsonaro na live que o presidente fez para rebater a acusação de que cometeu crime de pedofilia ao declarar que “pintou um clima” quando avistou meninas venezuelanas de 14 e 15 anos, em uma comunidade do Distrito Federal, em 2021.

Bolsonaro recebeu de Gabriel Monteiro uma mensagem de apoio. “Que Deus te abençoe!!!”, escreveu o ex-vereador no espaço de comentários da live, no Facebook. Monteiro teve o mandato de vereador do Rio de Janeiro cassado em agosto por várias acusações, entre elas a de prática de pedofilia.

A live em que Monteiro manifestou seu apoio foi feita para Bolsonaro tentar se explicar diante da enorme repercussão nas redes sociais da entrevista concedida por ele ao podcast do canal Paparazzo Rubro-Negro, na sexta-feira.

Na entrevista, Bolsonaro diz: “Parei a moto numa esquina, tirei o capacete e olhei umas menininhas, três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas num sábado numa comunidade. E vi que eram meio parecidas.

Pintou um clima, voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’ Entrei. Tinham umas 15, 20 meninas sábado de manhã se arrumando. Todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos se arrumando no sábado para que? Ganhar a vida. Você quer isso para a sua filha que está nos ouvindo agora?”

Na live, visivelmente cansado e com a voz rouca, Bolsonaro não quis esperar o dia amanhecer para tentar arrumar o estrago que suas declarações causaram e tentou se livrar da responsabilidade do que disse culpando o PT.

CASSAÇÃO

Em vídeo que circulou nas redes sociais no ano passado, o vereador cassado aparecia fazendo sexo com uma adolescente de 15 anos. De acordo com denúncia do Ministério Público do Rio de Janeiro, Monteiro, que é ex-PM e youtuber, “filmou através de telefone celular cena de sexo explícito envolvendo um adolescente”.

Uma testemunha que não foi identificada por questão de segurança afirmou à polícia que a menina várias vezes foi à casa de Monteiro com uniforme escolar, e que o vereador costumava falar sobre sua “preferência por se relacionar com menores de idade”.

Reprodução



Gabriel Monteiro foi cassado pela Câmara de Vereadores

João Amoêdo declara voto em Lula e diz que “Bolsonaro tem desprezo pela vida dos brasileiros”

O ex-candidato à Presidência e fundador do partido Novo, João Amoêdo, afirmou que Jair Bolsonaro “é um governante autocrático que se coloca acima das instituições” e anunciou que vai votar em Lula no segundo turno das eleições.

“No dia 30, farei algo que nunca imaginei. Contra a reeleição de Jair Bolsonaro, pela primeira vez na vida, digitarei o 13”.

“Apertar o botão ‘Confirma’ será uma tarefa difícil. Mas vou me lembrar do presidente que debochava das vítimas na pandemia, enquanto milhares de famílias choravam a perda de seus entes queridos”, disse o líder do Novo.

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, João Amoêdo disse que mantém as críticas à Lula e ao PT, mas Jair Bolsonaro fez com que “a paixão e o ódio” dominassem o debate político, “levando a polarização a níveis inaceitáveis”. “Nestes quatro anos, regredimos institucionalmente e como sociedade”.

“A independência dos Poderes foi comprometida. O Legislativo foi cooptado pelo orçamento secreto e as emendas parlamentares. O Supremo Tribunal Federal se tornou alvo de ataques frequentes por parte do presidente e seus aliados”, comentou Amoêdo.

“O combate à corrupção foi extinto com a narrativa mentirosa de que ela acabou e com o desmonte da Lava Jato. O descaso com a educação, o meio ambiente, a ciência, a cultura, a responsabilidade fiscal e, acima de tudo, o desprezo pela vida dos brasileiros completam o legado desastroso”, continuou.

“Bolsonaro confirmou ser não apenas um péssimo gestor, como já prevíamos, mas também uma pessoa sem compaixão com o próximo. Ele é incapaz de dialogar, de assumir suas responsabilidades e não tem compromisso com a verdade. É um governante autocrático que se coloca acima das instituições”, completou.

Bolsonaristas provocam tumulto e agridem devotos em Aparecida

Seguidores de Bolsonaro alguns deles com copos de bebida idolatravam o falso messias, que tentou usar o Dia de Nossa Senhora para se apropriar da fé das pessoas

Em mais um sinal de des-respeito e desprezo pela fé católica, um grupo de bolsonaristas que acompanhava a ida de seu chefe à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no interior de São Paulo, agrediu a equipe da TV Aparecida que cobria as festividades do 12 de outubro, Dia da Padroeira do Brasil.

Enquanto os fiéis se dirigiam às missas que são celebradas na igreja, os bolsonaristas – alguns deles com copos de bebida (como é possível ver nas imagens abaixo) – idolatravam o falso messias, que tentou usar o feriado do Dia de Nossa Senhora para se apropriar dos símbolos católicos e da fé das pessoas.

Jair Bolsonaro se diz católico, mas, assim como em qualquer outro assunto, a mentira é a sua verdadeira companheira. Além de frequentar igrejas evangélicas de diferentes vertentes, ele já foi batizado em Jerusalém pelo famigerado pastor Everaldo, recebeu as bênçãos de Edir Macedo, chefe da Igreja Universal, e, horas antes do tumulto em Aparecida, estava ao lado do pastor Waldomiro Santiago, em Minas Gerais.

Se tentarmos enquadrá-lo em alguma religião, o mais fácil seria colocá-lo junto aos vendilhões do templo, açoitados por Jesus Cristo, ou aos adoradores do bezerro de ouro, que traíram Moisés no Antigo Testamento.

DEVOTO CERCADO

A agressão não foi a única registrada nas imediações da Basílica neste 12 de outubro. Um jovem devoto que estava vestido com uma camiseta vermelha também foi hostilizado pela turba bolsonarista enfurecida que gritava “mito” enquanto aguardava a comitiva de Bolsonaro.

Ele ficou encurralado em um círculo e, depois, quando tentou fugir, foi perseguido pelos bolsonaristas que urravam “a nossa bandeira jamais será vermelha”. A perseguição só acabou quando o homem sumiu entre os corredores da igreja, sem ser agredido fisicamente.

HOJE NÃO É DIA DE PEDIR VOTO, REAGE PADRE

As agressões dos bolsonaristas foram repelidas durante o sermão do padre Camilo Júnior, na antiga igreja de Aparecida, no ponto alto da cidade.

“Parabéns a você que está aqui dentro da Basílica, rezando. Você que entendeu que hoje é dia de Nossa Senhora Aparecida. E a ela as nossas palmas, é a ela a nossa aclamação, é a ela o nosso ‘viva’. Só temos segurança nas mãos de Deus e no colo de Maria”, disse.

“Parabéns a você que está aqui dentro e testemunha. Parabéns a você que está aqui dentro e está rezando, porque hoje não é dia de pedir voto. É dia de pedir bênção”, disse o padre Camilo Júnior que foi ovacionado pelos devotos de Nossa Senhora.

Ele afirmou ainda que “tem pessoa que deseja a morte do outro, mas o outro é semelhante”.

“O contrário do amor é a indiferença. Quando eu não permito mais que a vida do meu semelhante seja importante. Podemos ver crianças abandonadas, idosos caídos nas margens das calçadas, famílias com suas mesas vazias. E eu não sinto nada. A dor do outro não mais me atinge. Se estamos vivendo assim, é porque nós nos despirmos do amor de Cristo”, disse.

Do lado de fora da igreja, os bolsonaristas vaiaram a fala do padre.



Agressão a jornalistas não foi a única registrada na Basílica no dia 12

Discurso grotesco de Damares sobre suposto abuso de crianças foi importado de extremistas dos EUA

A bolsonarista Damares Alves mudou a versão sobre os supostos abusos de crianças no Pará relatados em um comício em uma igreja da Assembleia de Deus em Goiás. Segundo ela, a denúncia de crianças que “tiveram seus dentes arrancados para facilitar o sexo oral” foi o que “ouviu nas ruas”.

Anteriormente, a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, havia dito que as provas dos supostos crimes estavam em posse do Ministério. A mudança da versão reforça a tese de que Damares mentiu durante o seu discurso em evento da campanha de Bolsonaro.

“O que eu falo no meu vídeo são as conversas que eu tenho com o povo na rua. Eu não tenho acesso, os dados são sigilosos. Mas nenhuma denúncia que chegou na ouvidoria deixou de ser encaminhada”, disse, cinco dias apresentar os supostos crimes a uma plateia repleta de crianças.

A história contada durante um culto religioso em Goiânia por Damares circulava em fóruns da internet como ficção desde 2010. Um relato anônimo de 12 anos atrás, que contém diversas semelhanças com o suposto crime descrito pela senadora eleita, foi escrito no site “4chan”, conhecido por seu conteúdo pervertido e de violência extrema.

Segundo apuração do jornalista André Duchiae, do jornal O GLOBO, o lema do site é “as histórias e informações aqui encontradas são obras artísticas de ficção e



Damares mente sobre abuso de crianças em igreja

falsidade. Só um tolo tomaria qualquer coisa encontrada aqui como fato”. Os textos da plataforma costumam ser chamados de “textos verdes” (“green-texts”). O termo se refere a um subgênero narrativo da internet onde são contadas experiências bizarras e chocantes, sem oferecer nenhuma prova, ou seja, uma ficção.

Além de não trazer evidências concretas dos relatos, os textos não são assinados. No entanto, por serem amplamente reproduzidos e alterados, os conteúdos passam a ser considerados realidade por pessoas que os ouvem de terceiros.

Um das narrativas deu força a uma teoria do grupo de extrema direita “QAnon”, em que quase todas as instituições políticas dos Estados Unidos estariam dominadas por pedófilos satanistas, que o ex-presidente Donald Trump, aliado de Bolsonaro, “combateria secretamente”. Segundo informações do O Globo, a teoria saiu do fórum e ganhou credibilidade dentro do Partido Republicano, nos EUA, onde 15% dos correligionários acreditam na fakenews.

A estratégia de Damares remete ao QAnon. O movimento se refere a Trump como o salvador contra a seita satânica secreta, em uma luta do bem contra o mal. Já Damares faz o mesmo com Bolsonaro:

“Nós vamos atrás de todas elas” [crianças], e o inferno se levantou contra esse homem. A guerra contra Bolsonaro, que a imprensa levantou, que o Supremo levantou, que o Congresso levantou, acreditem, não é uma guerra política. É uma guerra espiritual”, disse Damares.

O Ministério Público do Pará e o Ministério Público Federal cobraram explicações de Damares e do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, já que nenhuma denúncia como esta chegou ao conhecimento dos órgãos responsáveis.

Questionada pelo MPF, Damares chegou a fornecer três relatórios supostamente para comprovar a veracidade da sua denúncia, mas as 2.093 páginas dos documentos não mostraram nenhum dos crimes que teriam ocorrido.



Aava é presidente do PSDB de Goiânia

Milícias bolsonaristas promovem “sequestro da fé”, diz evangélica Aava Santiago

Em entrevista à Globonews nesta quinta-feira (13), a presidente do PSDB em Goiânia, a vereadora, socióloga e evangélica Aava Santiago, questionou o apoio de igrejas à candidatura de Jair Bolsonaro (PL). Para ela, o extremismo bolsonarista promove o “sequestro da fé” evangélica, e pergunta: “Eu preciso me converter ao bolsonarismo?”.

“Desde que comecei a me posicionar muito antes do processo eleitoral contra o bolsonarismo - e, sobretudo ao sequestro que o bolsonarismo empenha sobre a fé dos evangélicos - eu sou diretamente, com frequência, - chamada de anticristã, abortista, comunista”, diz.

“E eu pergunto a essas pessoas: eu preciso me converter ao bolsonarismo? Porque se eu tiver que me converter ao bolsonarismo, o sacrifício de Jesus, o Evangelho, não valeram de nada”, lamenta.

Para a parlamentar, “esse é um momento que estamos experimentando uma nova prática de fé dentro das nossas igrejas, porque o bolsonarismo deixou de ser uma orientação política e, infelizmente, está adquirindo moldes de prática de fé”, analisa.

A vereadora participa da mesma congregação onde a ex-ministra da Mulher e senadora eleita Damares Alves, e a primeira-dama Michelle Bolsonaro, realizaram um comício no último sábado (8), a Assembleia de Deus em Goiânia. Ela disse que não estava presente durante o culto em que Damares falou dos supostos abusos sexuais, sem apresentar provas, contra crianças da ilha de Marajó (PA). Segundo Aava, o evento foi realizado para receber as duas mulheres, especialmente.

No entanto, após o encontro religioso, ela passou a receber diversas mensagens pelo WhatsApp, de membros da igreja, assustados, perguntando se ela iria manter o apoio ao candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

“O impacto imediato (da fala de Damares) foi elevar o nível de medo e terror; em camadas nunca vistas, entre os crentes, de tal modo que me chocou: pessoas brilhantes, pessoas conectadas com a verdade, perguntando: ‘Você vai continuar apoiando o Lula? Ele é o inimigo das nossas crianças?’”.

“Nenhuma das pessoas que estavam ali, ninguém podia imaginar que a ministra Damares, eleita agora senadora, iria detalhar, com requintes de perversidade, situações que ela diz que aconteceram, mas que nós não temos como provar que aconteceram [...] Diante do ocorrido, ela decidiu se manifestar publicamente sobre o assunto. ‘Fui ficando angustiada e resolvi gravar esse vídeo’. No vídeo a que se refere, a vereadora questiona a razão das denúncias da ex-ministra só terem vindo a público durante o segundo turno das eleições.

“Se as coisas estavam escondidas nas gavetas do Ministério, porque que elas foram trazidas à tona só durante o segundo turno, se o Bolsonaro diz tanto defender a infância? Porque para mim, para nós que fazemos política pública, a defesa das infâncias se faz no Orçamento público da União”.

“Então, como é que eu posso dizer que o Bolsonaro defende as infâncias se ele cortou, quase que inteiro, o recurso gasto com o enfrentamento da exploração sexual infantil? Ele zerou a verba para o enfrentamento ao trabalho infantil análogo à escravidão?”, critica.

Aava aponta também o não reajuste dos recursos para a merenda escolar por Bolsonaro como fator que comprova o descaso do governo para com as crianças. “Como eu posso dizer que ele defende as infâncias se ele sequer reajustou o orçamento para a merenda escolar?”

O governo federal vetou no orçamento para o próximo ano, o reajuste para merendas de creches e escolas públicas. O valor vai ficar igual pelo quinto ano seguido.

“E eu me pergunto: como que nós, enquanto, Igreja, não percebemos isso, se os nossos filhos é que estão na escola pública, se os nossos filhos é que dependem da merenda escolar?”, pergunta.

A parlamentar evangélica considera, que além de ir contra a legislação eleitoral, as declarações de Damares Alves foram “piores” do que pedir o voto em Bolsonaro.

“Ela só não usou a palavra vote, mas ela usou palavras muito piores, porque ela condicionou a salvação do Brasil, a segurança das crianças, à escolha de Jair Bolsonaro. Isso é muito pior do que pedir voto [...]”, diz. “Isso é vincular o amor, a proteção que a gente tem pelos nossos filhos (às conveniências)”.

MILÍCIA BOLSONARISTA

A vereadora também criticou o comportamento dos apoiadores de Jair Bolsonaro durante a visita do candidato ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida nesta quarta-feira (12). “O que nós presenciamos ali em Aparecida foi o auge, foi a consolidação de uma milícia que se intitula cristã para sequestrar a nossa fé e colocar o bolsonarismo no lugar”, denuncia.

“Quando um arcebispo, falando sobre o combate à fome e sobre a centralidade de Cristo (é hostilizado) e se isso (o discurso contra a fome) for ignorado, sob uma perspectiva de fé, então a nossa fé acabou”, avalia.

Aava, que já havia anunciado apoio a Lula no primeiro turno da eleição, diz que esses acontecimentos e o atual cenário, em que a democracia é colocada em xeque, levaram o seu partido em Goiás a apoiar o candidato do PT na segunda etapa da disputa.

“São essas discrepâncias que levam nesse momento o PSDB de Goiás a se posicionar. [...] como mulher, periférica, oriunda da escola pública, posso dizer para vocês que esse momento não há a oportunidade da neutralidade”, defende.



Caneca com foto de Bolsonaro vira objeto de adoração

“Você apoiaria?” – ator judeu, Caco Ciocler, mostra as ligações do bolsonarismo com o nazismo

O ator e diretor Caco Ciocler divulgou através das redes sociais, na última sexta-feira (14), um vídeo em que explica as relações entre Jair Bolsonaro (PL), o bolsonarismo e o nazismo.

Intitulado “Você apoiaria?”, o vídeo, produzido pelo Comitê de Popular de Cultura do Bixiga e idealizado por Kiko Goifman, Jean Goldenbaum, Caetano Bengra, além de Caco, apresenta o ator questionando se as pessoas apoiariam “um grupo de sujeitos que se parecem minimamente com nazistas e neonazistas, que se apropriassem de símbolos nazistas para difundir e propagar suas ideias” para, na sequência, expor um compilação de slogans, falas, estéticas e outras referências nazistas adotadas por Jair Bolsonaro e seus apoiadores.

Uma das referências na-

zistas citadas é o slogan de Bolsonaro, “Brasil acima de tudo”, uma apropriação de “Deutschland über alles” (Alemanha acima de tudo), uma palavra de ordem no regime de Adolf Hitler.

Entre as inúmeras outras comparações entre o bolsonarismo e o nazismo, o vídeo destaca, por exemplo, outra frase muito utilizada pelo presidente, “Deus, pátria e família”, lembrando que esta é uma frase do integralismo e de outros movimentos nazistas brasileiros. Ou ainda o vídeo de Roberto Alvim, ex-secretário de Cultura de Bolsonaro que emulou um discurso de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista.

“Quem não quer ser comparado com nazista não se fantasia de nazista”, diz Caco Ciocler ao final da produção.



Você apoiaria um grupo de sujeitos neonazistas?, questiona

Na tarde do último sábado (15), ocorreu a “Caminhada da Educação”, um ato pelo Dia do Professor na Avenida Paulista, que contou com uma passeata e se encerrou na Praça da República, no centro da capital, em frente a sede da secretaria estadual da Educação.

O ato foi convocado pelo Sindicato dos Professores de São Paulo (Apeoesp), junto ao movimento social, sindical e estudantil.

A manifestação contou também com a presença do ex-prefeito e candidato a governador do estado Fernando Haddad (PT), que discursou aos professores e disse que vai rediscutir um decreto do governo do estado que determinou uma contribuição de até 16% sobre os valores recebidos por aposentados e pensionistas do estado paulista.

“A primeira coisa que vamos fazer em janeiro é abrir uma mesa de negociação para a gente colocar fim ao mal que foi cometido contra a categoria. Você recolheu a vida inteira, aí depois de aposentado tem que continuar contribuindo. Eu acho isso uma violência, muito injusta”, reforçou o candidato do PT ao Palácio dos Bandeirantes, ao lado da candidata a vice, a professora Lúcia França.

Haddad também afirmou que vai promover uma reforma pedagógica completa no Estado, para que o aluno do



Milhares de pessoas participaram da caminhada

Ensino Médio deixe a sala de aula mais qualificada, com certificado profissional nas mãos e pronto para o mercado de trabalho.

“E isso que nós fazemos nos Institutos Federais. E é isso que eu quero fazer no Estado. Vamos aplicar o dinheiro do Programa de Educação Integral e eu ainda vou chamar o Sistema S à responsabilidade. Eles têm muito dinheiro e carinho com essa questão. E o Josué - presidente da FIESP - está muito sensibilizado com essa proposta. O Centro Paula Souza também tem recursos. Então, nós temos aí um tripé que possibilita realizar essa proposta”, explicou Haddad.

O presidente da União Municipal dos Estudantes

Secundaristas de São Paulo (UMES), Lucca Gidra destacou que o ato em defesa da Educação é fundamental para a defesa da democracia.

“Hoje, o mais importante aqui neste ato é defender a democracia, somos muitos movimentos unidos para mudar o país, para derrotar o governo Bolsonaro. Precisamos eleger Haddad e Lula, para derrotar o fascismo e retomar o desenvolvimento de São Paulo e do Brasil”, disse.

“Nós sabemos como foram os anos de chumbo, sabemos que só com a união e a defesa da democracia podem derrotar o bolsonarismo. O Brasil pertence aos brasileiros, a bandeira é nossa e não dos fascistas. Vamos derrotar Bolsonaro”, ressaltou Lucca.

Reprodução



Empresas ameaçam funcionários e tentam forçar voto em Bolsonaro

A direção da Altenburg, uma grande empresa do setor têxtil de Santa Catarina, está sendo denunciada por crime eleitoral.

Conforme o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau (Sintrafite), os funcionários da empresa foram coagidos a votar em Bolsonaro na disputa presidencial sob ameaça de demissão.

A denúncia foi feita ao Ministério Público do Trabalho (MPT), com relatos de que o proprietário da empresa, Rui Altenburg, mandou interromper a produção para reunir os trabalhadores e fazer um discurso com críticas a Lula e pró Bolsonaro, afirmando que os empregos dos funcionários dependem da vitória do atual presidente.

Em mensagens de WhatsApp anexadas à acusação, um dos funcionários diz que “a reunião do seu Rui é falar mal do PT por uma hora”.

Em notificação à empresa, o MPT enfatizou a proibição de coação dos trabalhadores a votarem em seu candidato e ordenou que a direção divulgue o conteúdo da notificação em grupos de WhatsApp, e-mails e cartazes da empresa, com objetivo de reforçar aos funcionários que eles têm direito de escolher livremente candidatos a cargos eletivos e que é ilegal exercer coação política.

A empresa é a maior fabricante de travesseiros da América Latina, com faturamento anual de R\$ 360 milhões e possui cerca de 1700 funcionários em fábricas também em Sergipe, interior de São Paulo e no Paraguai.

O MPT recebeu ao menos 197 denúncias de assédio eleitoral em 23 estados e no Distrito Federal, segundo balanço atualizado na terça-feira (11). Em setembro, um homem que exerce cargo de chefia na Imetame, em Aracruz (ES), ameaçou funcionários reunidos no chão de fábrica afirmando que “no dia que você não tiver mais emprego, não vai poder reclamar”, insinuando que haverá fechamento de empresas caso Lula vença as eleições deste ano. O empresário recebeu uma multa de R\$ 150 mil e foi obrigado a se retratar.

O empresário Marcelo Domenici, do Grupo Terra Boa, repetiu ameaças de mesmo cunho a funcionários da Stara, empresa de maquinário do Rio Grande do Sul. De acordo com a Revista Fórum, áudios de uma reunião entre empresários e políticos da cidade de Caçador, no interior de Santa Catarina, convocada pela Associação Comercial Industrial de Caçador (ACIC), demonstram que as coerções fazem parte de uma estratégia criminosa elaborada para impedir que Lula vença as eleições. Além da ACIC, representada pelo seu presidente Jovelci Gomes, também assinaram a convocatória da reunião a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e a Associação de Micro e Pequenas Empresas (AMPE).

O discurso de abertura da reunião, proferido pelo presidente da ACIC começou levando a tese bolsonarista de que as urnas não são confiáveis. “Eu bati duas vezes [o número 22 na urna] pra vim pra imagem do presidente Bolsonaro na minha urna. Todos os outros [candidatos] estão se ativando, mas quando bati 22 o presidente Bolsonaro não apareceu. Tive que bater mais uma vez pra vim (sic) o presidente. Muitas pessoas bateram assim e foram embora. Isso já era fraude, entenderam? Aconteceu comigo”, afirmou em trecho divulgado pelo Fórum.

O empresário Cláudio Rottava, dono da loja Rottava Caça e Pesca, representou a CDL. Também participaram da reunião os vereadores Jean Carlos (PSD), Fabiano Dohner (PL) e Lidiane Cattani (Progressistas), bem como um representante do deputado estadual Valdir Cobalchini (MDB), o comandante do 15º Batalhão da Polícia Militar de Santa Catarina, Major José Ronaldo Branco, e outros empresários e políticos da cidade.

Nos áudios, Xico Stefanos, que foi candidato a vereador na cidade pelo PSDB em 2020, mas que perdeu as eleições, defendeu que a coação aos trabalhadores deveria ser feita no dia anterior do segundo turno para não dar margem para reações e punições aos empresários.

“Tem que ser no último dia [antes das eleições], para o PT não ir depois tentar desmanchar o trabalho. Os empresários devem reunir os funcionários e não pedir voto, não precisa pedir voto, mas explicar que se a esquerda ganhar, vai ser igual a Venezuela. E jogar as responsabilidades para eles se a família amanhã vai passar fome ou ficar comendo cachorro igual está ocorrendo na Venezuela. ‘Ó, os responsáveis são vocês, porque vocês têm o direito de mudar o voto’”, resumiu.

OUTROS CASOS

O MPT, em Goiás, instaurou inquérito civil para apurar o caso do empresário Eronildo Valadares, após vazamento de um áudio enviado a um grupo fechado de produtores rurais no qual o empresário afirmou ter anunciado aos empregados que fechará sua empresa e liquidará todo o estoque em caso de vitória de um dos candidatos à eleição presidencial.

Em Campo Mourão o MPT propôs, nesta terça-feira (11), uma Ação Civil Pública (ACP) contra o Concreto do Vale do Ivaí (Concrevali), também após denúncias de crime eleitoral em que a empresa ameaça os trabalhadores com demissão. A empresa foi condenada a pagar uma indenização pelos danos morais coletivos, no valor de R\$ 50 mil, que serão destinados preferencialmente para o financiamento de campanhas e projetos de interesse da coletividade de trabalhadores.

Na ação, o MPT proíbe a empresa de recorrer a ameaças, constrangimentos ou oriente pessoas que possuem relação de trabalho com sua organização (empregados, terceirizados, estagiários, aprendizes) a votar em qualquer candidato nessas eleições, sob pena de multa de R\$ 20 mil a cada vez que se verificar o descumprimento das obrigações.

Divulgação



Defasagem da tabela do Imposto no governo Bolsonaro chega a 30,9%

Lula afirma que vai atuar para barrar a PEC 32, que desmonta o serviço público

O ex-presidente Lula se reuniu no sábado (8) com entidades que re-pesentam os servidores públicos do Judiciário e se comprometeu, caso seja eleito, a trabalhar imediatamente para barrar o desmonte do serviço público levado a cabo por Bolsonaro desde que assumiu e a articular, já em 2022, para que a PEC 32, da chamada “reforma administrativa” não seja votada este ano.

A PEC 32, proposta pelo governo Bolsonaro ao Congresso, é um verdadeiro ataque ao funcionalismo e ao serviço público e, barrá-la, tem sido uma das principais bandeiras dos servidores públicos. Propõe, entre outras coisas, acabar

com o direito do funcionalismo à estabilidade e substituí-la por modalidades precarizadas de contratação, terceirização, enfraquecimento do concurso público e da autonomia técnica dos servidores, além de abrir espaço para o aumento do assédio moral e do clientelismo na Administração Pública.

A PEC também propõe retirar direitos trabalhistas dos servidores atuais, além de abrir caminho para a redução da oferta de serviços públicos à população, sobretudo em setores como saúde e educação, que poderão ficar cada vez mais restritos.

No início de outubro, temendo que não seja mais possível aprovar a

proposta num próximo governo, o presidente da Câmara e aliado de Bolsonaro, Arthur Lira, disse que pretende avançar com a discussão para votar a PEC 32 ainda este ano.

A proposta da “reforma administrativa” que tramita no Congresso é tão polêmica e, segundo os representantes dos servidores e especialistas, tão “permeada de contradições e inconsistências” e tão maléfica ao país, que perdeu o sentido e a credibilidade até de quem a defendia, sendo, portanto, a tentativa de Lira de aprová-la de roldão, um verdadeiro golpe contra o serviço público, os servidores e a população brasileira.

Metalúrgicos da Embraer fazem paralisação por aumento real e denunciam terceirização

Os metalúrgicos da Embraer de São José dos Campos (SP) fizeram paralisação de uma hora, na quinta-feira (13), e os da unidade da Faria Lima, na terça-feira (11), em protesto contra a proposta salarial oferecida pela empresa, que repõe apenas a inflação, corta benefícios e direitos e ainda pretende liberar a terceirização da produção na fábrica. Os trabalhadores reivindicam aumento real de salário, com reajuste de 14%, vale-compras de R\$ 800 mensais para todos, renovação da convenção coletiva, Plano de Cargos e Salários (PCS) e proibição da terceirização da produção na empresa.

Na terça-feira (11), o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos se reuniu com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

(Fiesp) – que representa o setor aeronáutico da região – para negociação da Campanha Salarial, mas as propostas não avançaram.

A Fiesp propôs 8,83% de reposição salarial, vale-compras de R\$ 300 para trabalhadores que ganham até R\$ 6.700 e liberação da terceirização na fábrica. Todas as propostas foram rejeitadas pelos trabalhadores.

“Em diversas fábricas da região, os metalúrgicos conquistaram aumento real nos salários, renovação dos direitos e vale-alimentação. É um absurdo que a maior metalúrgica da região e uma das principais fabricantes de aviões do mundo mantenha essa intransigência. O aviso está dado. A qualquer momento podemos iniciar a greve”, afirma o diretor do Sindicato An-

dré Luís Gonçalves, o Alemão.

Segundo o sindicato, desde 2018 a Embraer se recusa a assinar a convenção coletiva dos metalúrgicos e, desde o ano passado tenta derrubar a proibição da terceirização na produção, que é prevista na convenção da categoria.

Para Herbert Claros, diretor do Sindicato, a recusa da Embraer em assinar a convenção coletiva dos metalúrgicos e a insistência pela terceirização “coloca em xeque direitos dos trabalhadores e influencia a qualidade dos aviões”.

“A mobilização mostra o quanto os funcionários da empresa estão insatisfeitos com seus salários e com a postura da Embraer, que quer acabar com direitos conquistados em anos anteriores”, afirma o dirigente sindical.



Com correção da tabela do IR, no total, mais de 24,5 milhões de pessoas seriam isentas

Estudo da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Unafisco Nacional), divulgado na terça-feira (11), mostra que se a tabela do Imposto de Renda fosse corrigida integralmente, mais 16,5 milhões de pessoas seriam isentas do tributo em 2023, chegando a um total de 24.535 milhões.

Na campanha de 2018, Bolsonaro prometeu revisar a tabela do IR, mas, nos quatro anos de governo, nada fez. De acordo com o relatório da Unafisco, somente no período da gestão Bolsonaro, entre 2019 e 2022, a defasagem é de 30,9%. Segundo o estudo, se fosse feita a correção apenas desse período a faixa de isenção aumentaria para as pessoas que ganham até R\$ 2.467,25 por mês, chegando a 13,5 milhões (5,5 milhões de brasileiros a mais).

De 1996 até hoje, a

defasagem da tabela do IR chega a 146,6% para o exercício de 2023 [atualizada para 144,12%]. O cálculo foi feito com base no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado de 1996 a agosto deste ano e considera os ajustes ocorridos na tabela ao longo deste período.

Para o presidente da Unafisco Nacional, Mauro Silva, a defasagem da tabela do Imposto de Renda representa injustiça social, já que “está se tirando da classe média para sustentar o que os mais ricos não estão pagando de imposto”.

Segundo o relatório da Unafisco, a redução na arrecadação do IRPF para a União, estado e municípios, em razão da correção da tabela (integral ou parcial), pode ser atenuada com a adoção de outras medidas, como a eliminação de benefícios fiscais ineficientes.



Mães de família passam mais de 24 horas em filas para atualização do CadÚnico

Filas quilométricas de beneficiários do Auxílio Brasil em busca da atualização no Cadastro Único tomaram conta do país esta semana. O anúncio feito pelo governo de que o prazo para fazer a atualização terminaria na sexta-feira (14) – agora foi prorrogado por 30 dias – levou ao desespero milhares de pessoas, em sua grande maioria mães sem emprego ou qualquer outra forma de sobrevivência, que cuidam sozinhas dos filhos, temendo perder o benefício.

A fila da miséria, que expôs milhares de brasileiros ao sufoco e a humilhação, obrigou o Ministério da Cidadania, pasta responsável pelo cadastro, a prorrogar o prazo final por mais 30 dias. No entanto, quem está na fila não recebeu essa informação e permanece esperando uma senha e o agendamento.

As famílias são obrigadas a atualizar seus cadastros a cada dois anos ou toda vez que um membro da família morre, nasce ou há separação, casamento e mudança de endereço.

Até setembro, 263 mil famílias que recebiam o Auxílio Brasil ainda não tinham atualizado o cadastro, que precisa ser feito em um posto de atendimento nos municípios. Sem essa atualização, o pagamento dos benefícios pode ser bloqueado.

De Norte a Sul do país o que se viu foi o retrato do desalento. Mulheres, muitas vezes com crianças de colo, carregadas com colchonetes, cobertores, papéis e algum farnel para atravessarem a noite e a madrugada nas filas.

Reportagem da BBC News Brasil, que ouviu depoimento de algumas mães em uma fila na Brasilândia, bairro da periferia de São Paulo, dá conta da realidade dessas mulheres, que dependem de benefícios sociais para alimentar seus filhos e pagar contas mínimas: humilhação, fila de 24h na calçada e sem banheiro.

Uma das entrevistadas é Ingrid Souza, que faz “bi-

cos como babá” e sustenta sozinha os dois filhos, de 7 e 3 anos.

A reportagem, Ingrid contou que a primeira coisa que faz quando pega o dinheiro do auxílio “é comprar o leite das crianças e a fralda usada pelo meu filho de 3 anos para dormir porque faz xixi na cama”.

“De resto, eu complemento a renda com bicos como babá, que rendem R\$ 200 por mês”, conta Ingrid.

Fernanda Aparecida Benedito, que teve que deixar os filhos na casa da mãe para conseguir uma senha de atendimento, contou à BBC News que já estava há 24 horas na fila.

Ela diz que quando chegou, às 10 horas do dia anterior, soube que se não conseguisse ser atendida poderia ter o auxílio cancelado. “Já tinham 22 pessoas na minha frente. Eu tive que passar a noite aqui, com muita gente dormindo na calçada. Pessoas com crianças e idosos sem banheiro ou tenda. Vi senhoras fazendo xixi através dos carros nas ruas. Quem trouxe coberta se cobriu. Quem não trouxe, ficou passando frio”.

Aparecida conta que usa o Auxílio Brasil para pagar o aluguel de R\$ 600 da casa onde vive com os filhos, de 14 e 9 anos, pois o pai deles só ajuda financeiramente de vez em quando.

Outra que cuida sozinha dos três filhos, e também falou à BBC News, é Joana d’Arc Ferreira da Cruz. Joana contou que faz coleta de material reciclável, mas que o Auxílio Brasil é a principal renda da família. Segundo ela, há três meses tenta agendar atendimento.

“Já tentei pelo site, associação de bairro, no 156. Eu não posso perder o benefício. Só meu aluguel custa R\$ 300, que é metade do auxílio. Fora isso, tenho que pagar wi-fi para os meus filhos estudarem”, disse.

“Esse trabalho [de coleta de reciclável] me garante uma renda de até R\$ 150 por semana. Como somos quatro pessoas na casa, eu faço o que posso”.

Reprodução/G1

Guerra econômica dos EUA à Rússia pode pôr fim ao domínio do dólar, diz W. Post

Guerra econômica global está em grande parte sendo conduzida pelos EUA sozinhos “usando o status único do dólar como sua arma”, adverte Fareed Zakaria. Historiadores podem vir a se lembrarem desta época – ele aponta – “como o momento em que Washington começou a perder o ‘privilégio exorbitante’ de ter a moeda de reserva mundial”

A guerra econômica com a Rússia ameaça os Estados Unidos com a perda de influência financeira no mundo, afirma o jornalista e colunista norte-americano Fareed Zakaria em artigo no jornal Washington Post.

Para o autor, as consequências da guerra econômica global que o Ocidente coletivo está movendo contra a Rússia provavelmente serão sentidas “ao longo de décadas”.

“Vivemos agora em um mundo de rivalidade entre grandes potências, nacionalismo econômico e desacoplamento tecnológico. Os riscos de uma nova guerra econômica ainda não são nucleares, mas já estão altíssimos – mesmo para os EUA”, sublinha Zakaria.

EUA CONDUZ GUERRA ECONÔMICA

De acordo com colunista, o “perigo principal” para Washington consiste em que essa guerra econômica global está em grande parte sendo conduzida pelos Estados Unidos sozinhos “usando o status único do dólar como sua arma”.

Ao mesmo tempo, muitos países importantes – Arábia Saudita e outros Estados do golfo Pérsico, Índia, Turquia, Indonésia e, acima de tudo, a China – estão procurando maneiras de se livrar da moeda dos EUA e escapar do longo alcance do poder econômico de Washington, alerta o colunista.

Para ele, o presidente dos EUA Joe Biden deveria anunciar que Washington está usando “essa arma” alegadamente apenas “por causa do desafio sem precedentes” da Rússia e que não a usará “em circunstâncias normais”.

O CONFISCO

Acredite quem quiser: já que nas circunstâncias “normais” Washington confiscou até as reservas do faminto Afeganistão e fez Londres confiscar o ouro venezuelano em plena pandemia

Em suma, o conceituado – nos círculos imperialistas – escriba anda muito preocupado com o isolamento dos EUA acarretado pelas sanções, confisco de reservas, banimento do sistema de pagamentos Swift e tentativas de proibir a exportação russa de energia e alimentos, com óbvia violação das normas comerciais e legais, levando à percepção generalizada de que, se os EUA não se refreiam nem diante de uma potência nuclear de igual porte, então ninguém está a salvo sob a dolarização atual.

Dito de outra forma, a urgência de dar início à desdolarização tornou-se, graças a Biden, uma questão na ordem do dia.

MUNDO REDUZ DEPENDÊNCIA DOS EUA

É o que faz Zakaria observar que, caso Biden não siga seu conselho, os historiadores se lembrarão desta época “como o momento em que os países por todo o mundo começaram a reduzir sua dependência da América” e Washington começou a “perder, como disse um presidente francês, seu ‘privilégio exorbitante’ de ter uma moeda de reserva mundial”.

Note-se que, pela ligeireza com que os EUA rasgam acordos ou os ‘reinterpretam’, dificilmente tais “garantias de refreamento” convenceriam qualquer um de bom senso.

Os países ocidentais impuseram novas sanções contra Moscou após o início da operação especial do Exército russo para desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, impedir o avanço dos sistemas de armas da Otan até às portas da Rússia e barrar a ameaça de limpeza étnica contra a população de fala russa do Donbass.

BUMERANGUE

Mas a ruptura das cadeias de suprimentos e a escassez artificial provocada pela enxurrada de sanções funcionou como um bumerangue e levou a problemas econômicos na Europa e nos EUA, principalmente à subida dos preços de alimentos e combustíveis, que estão batendo recordes de 40 anos. O Kremlin denunciou as sanções ocidentais como uma guerra econômica “sem precedentes” – mas, como já assinalou o presidente russo Putin, a blitzkrieg econômica contra a Rússia fracassou e sua economia não entrou em colapso.



EUA usa dólar como arma econômica

Putin: sistema em que “ricos vivem às custas dos outros deve ter fim”



Encontro em Astana reuniu chefes de Estado de 27 países asiáticos

Turquia e Rússia terão central conjunta de distribuição de gás, anuncia Erdogan

A decisão do presidente da Turquia de trabalhar com a Rússia para estabelecer uma nova central de distribuição de gás com sede em Ancara se deu durante reunião com Putin na cidade de Astana, Cazaquistão, quando se realizava o encontro de cooperação entre nações asiáticas com a presença de líderes de 27 países

“Ao lado de Putin, instruí nosso Ministério da Energia e Recursos Naturais a conduzirem um estudo conjunto com as relevantes instituições do lado russo”, para imediatamente iniciarem o trabalho em cima da ideia de Putin de criação de uma central de distribuição de gás sediada na Turquia. “Não há o que aguardar neste caso”, afirmou Erdogan a repórteres ao retornar a Ancara após encontro de países asiáticos realizados em Astana.

Erdogan disse também, na coletiva desta sexta-feira, 14, que o di-



Erdogan e Putin em encontro no Cazaquistão

retor executivo da empresa russa Gazprom, Alexey Miller, estava presente no seu encontro com Putin quando trataram do assunto da central de distribuição de gás.

“Claro que estaremos tomando todo tipo de medidas no terreno da segurança do projeto da central de gás e vamos prosseguir nosso trabalho conjunto de acordo com isso”, acrescentou Erdogan.

Logo antes destas declarações de Erdogan, Putin

declarou que a Rússia poderia mover o trânsito do gás da malha Nord Stream para a região do Mar Negro e da Turquia.

O líder do Kremlin elogiou o comportamento da Turquia, diante do conflito na Ucrânia e afirmou que disso resulta que “atualmente o itinerário mais seguro para prover o gás da Rússia, permitindo regular os preços atualmente exorbitantes”.

Alemães tomam as ruas pelo fim das sanções à Rússia e contra alta no preço dos combustíveis

Manifestantes contra as sanções à Rússia, contra o envio de armas ao regime de Kiev e denunciando a acelerada alta no custo de vida (em grande parte devido a elas) tomaram as ruas de 15 cidades no Estado da Pomerânia Ocidental segunda-feira (10). As maiores manifestações aconteceram nas cidades de Schwerin e Nova Brandenburg.

“Schwerin não se cala” é o nome do movimento criado na cidade. A entidade esteve presente no ato do dia 10 com cartazes exigindo “Parem a guerra com a Rússia” e “Abram o gasoduto Nord Stream 2” (referência ao fato do governo alemão ter desautorizado a abertura do gasoduto que acaba de ser construído e que levaria o gás da Rússia para amplificar o abastecimento da Alemanha).

Também houve manifestação em Magdeburgo, cidade da Saxônia Anhalt, na qual foi denunciado que governo mente para encobrir dimensão da crise de escassez do gás, ao tempo em que esconde a dramática situação alemã pretextando que as sanções trariam benefícios: “Parem o vertiginoso aumento do preço do gás a pretexto de busca da paz, liberdade e prosperidade”.

Sentindo o drama do corte no suprimento do gás russo no momento em que um inverno rigoroso se aproxima, os alemães marcharam ainda na Turíngia e Saxônia.

PARIS, ROMA, E PRAGA

Condenação à submissão de Emmanuel Macron



“Parem a guerra com a Rússia e Abram o Nord Stream 2”

a uma guerra e a sanções que estão sangrando a economia francesa levou milhares às ruas de Paris.

No centro de Roma, a Confederação Geral do Trabalho italiana encaabeçou marcha contra a disparada do custo de vida, da inflação e das tarifas de energia, e elevou o tom com slogans antifascistas e pacifistas.

Em Viena, os austríacos ergueram cartazes para reivindicar diálogo com Moscou: “Fim do apoio aos belicistas: UE, Otan, EUA”, “Pela neutralidade, saída da Áustria da UE, amizade com a Rússia”, “Reduzir os preços da gasolina, eletricidade, gás, alimentos, não a sanções, impostos altos, inflação”.

Na Praça Venceslau, no centro de Praga, os tchecos se uniram para responsabilizar o governo pela drástica queda no padrão de vida da população. Dados publicados pelo Serviço de Estatística da República Checa apontam que os preços

ao consumidor subiram 15,8% tão somente no segundo trimestre do ano.

No comício, o presidente da Confederação Tcheca-Morávia de Sindicatos, Josef Stredula, que “ainda estamos convencidos de que o governo não está fazendo o suficiente, que está agindo devagar.”.

A presidente do principal sindicato de saúde e assistência social, Dagmar Zitnikova, pediu um teto de preços nos setores de alimentos e energia.

Mesmo em meio à submissão dos atuais governos, em menos de dez dias, dois ministros da economia europeus, o alemão Robert Habeck e o francês Bruno Le Maire, chamaram do preço extorsivo que os EUA estão cobrando por seu gás.

Le Maire afirmou que é inaceitável que os Estados Unidos vendam gás liquefeito superfaturado: para os europeus, o preço chega a quatro vezes aquilo que o fabricante cobra na América do Norte.

No encontro realizado em Astana, Cazaquistão, o presidente da Rússia defendeu um mundo mais igualitário e o fim do sistema financeiro que hoje privilegia os mais ricos

O presidente russo Vladimir Putin destacou que a Rússia, como “muitos” de seus parceiros na Ásia, querem a superação do sistema financeiro mundial que “ao longo de décadas permitiu que os países mais ricos do Ocidente vivam, em grande medida, às custas dos outros”.

Durante sua intervenção na Conferência sobre Medidas de Interação e Fortalecimento da Confiança na Ásia (CICA)*, que está sendo realizada no Cazaquistão, a partir desta quinta-feira (13), Putin indicou que o uso “mais ativo” das moedas nacionais em pagamentos mútuos pode servir como um “primeiro passo” para introduzir essas mudanças. “Sem dúvida, tais medidas contribuiriam para o fortalecimento da soberania financeira de nossos Estados”, resumiu.

O chefe de Estado acrescentou: “É claro que, junto com outros países asiáticos, não estamos poupando esforços para criar no mundo um sistema de segurança igualitário e indivisível baseado nos princípios reconhecidos do direito internacional e da Carta da ONU”.

“Nosso encontro e outras reuniões regionais têm de lidar com muitos problemas urgentes. Refiro-me, entre outras coisas, à maior volatilidade dos preços dos recursos energéticos no mundo, alimentos, fertilizantes, matérias-primas e outros itens importantes. Isto está levando a uma deterioração da qualidade de vida tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. Além disso, há uma ameaça real de fome e problemas sociais em grande escala,

especialmente nos países mais pobres”, destacou.

ELIMINAR BARREIRAS

Ele ainda ressaltou que na política global estão ocorrendo mudanças significativas e que o mundo está se tornando multipolar, passando a Ásia a desempenhar um papel fundamental e reiterou que defende o desenvolvimento e a prosperidade da região, e que os países fomentem a cooperação econômica e o investimento.

Na sexta reunião de cúpula deste fórum internacional, o presidente russo exortou a eliminar “barreiras artificiais” para recuperar as cadeias de suprimentos globais, e alertou para “a real ameaça de fome e convulsão social em grande escala” enfrentada principalmente pelos países mais pobres, devido à volatilidade dos preços da energia, alimentos, fertilizantes e outros produtos vitais a nível mundial.

Nesse sentido, o presidente russo enfatizou que Moscou está fazendo “todos os esforços” para fornecer produtos críticos às nações que precisam deles.

Conforme suas palavras, o país pretende desenvolver relações, de forma igualitária, com todos os países da Conferência sobre Medidas de Interação e Construção de Confiança na Ásia.

*Estados membros da CICA: Azerbaijão, Afeganistão, Bangladesh, Bahrein, Vietnã, Egito, Israel, Índia, Irã, Iraque, Jordânia, Cazaquistão, Camboja, Catar, República da Coreia, China, Quirguistão, Mongólia, Emirados Árabes Unidos, Paquistão, Palestina, Rússia, Tajiquistão, Tailândia, Turquia, Uzbequistão, Sri Lanka.

Multidão ocupa o centro de Paris contra disparada do custo de vida

Mais de cem mil franceses tomaram as ruas de Paris neste domingo (16) para exigir fim à alta do custo dos combustíveis e dos alimentos, das constantes agressões ao meio ambiente e do custoso apoio militar do governo do presidente Emmanuel Macron à Ucrânia contra a Rússia.

Elvando o tom no protesto contra a “vida cara e a inação climática”, convocada pela União Popular Ecológica e Social (Nupes, integrado por Verdes, Partido Socialista e PCF) e encabeçada pelo líder opositorista Jean-Luc Mélenchon, os manifestantes exigiram maiores salários e benefícios, redução das contas de eletricidade, cobrança de impostos sobre as empresas de energia, fim do assalto aos direitos previdenciários e maiores investimentos em projetos ecológicos.

Os franceses desfaldaram a faixa “Onda de calor social, o povo tem sede de justiça” e abriram caminho para a greve “nacional e interprofissional” convocada pelo movimento sindical para esta terça-feira (18).

Além do líder Mélenchon, participaram da jornada de luta entre as praças da Nação e da Bastilha, o primeiro secretário do Partido Socialista, Olivier Faure; uma dos dirigentes do movimento dos coletes amarelos, Jérôme Rodriguez, e a recente ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, Annie Ernaux.

“Atingimos nosso objetivo, e isso é apenas o começo”, comemorou a deputada da França Insubmissa, Aurélie Trouvé, fazendo ecoar o não ao abusivo aumento do custo de vida.

“Estamos aqui para salvar os franceses da pobreza. Macron está tentando destruir nosso país. Ele está tentando destruir todos os bens públicos. É óbvio para nós que a partir de novembro os preços de todos os combustíveis, gasolina e diesel ultrapassarão três euros, então temos de agir”, declarou o movimento Coletes

Amarelos, acrescentando que “caso contrário, em breve, não teremos nada para comer no inverno”.

O apoio de Macron à política beligerante do governo estadunidense foi condenado por outro manifestante, que denunciou que “a França não apenas forneceu a Kiev morteiros, mas também convidou os franceses a treinar soldados ucranianos”. “Isso é demais, isso é ultrajante. Os Estados Unidos estão tentando nos arrastar para uma guerra que nem é nossa”, assinalou.

O militante Sebastien La Pierre, de 40 anos, enfatizou a necessidade da população ocupar as ruas para fazer valer direitos. “Como você quer que haja justiça social se a petroliífera TotalEnergies distribuiu 10 bilhões de euros de seus lucros entre seus acionistas e se recusa a dar o aumento de 10% exigido pelo pessoal que, no final, farto de surdez, chamou de greve e refinarias bloqueadas? Não há justiça. A única maneira de obtê-lo é a esquerda reinventar a ação de rua que deixou nas mãos da direita”, destacou.

“Hoje estamos desenhando a construção de uma nova frente popular que, quando chegar a hora, exercerá o poder no país”, comemorou Jean-Luc Mélenchon, líder da França Insubmissa, frisando que este é o primeiro dia de “um ciclo nunca visto em nosso país”.

“Vamos viver uma semana como poucas”, disse Mélenchon, convocando uma “mobilização geral” para fazer valer a força dos trabalhadores, apontando que “teremos mobilização popular, mobilização sindical e crise institucional”. Inicialmente restrito ao movimento dos trabalhadores das refinarias, o movimento grevista ganhou força e se espalhou, com as centrais sindicais convocando a paralisação contra a tentativa de repressão e desmantelamento das entidades, e demissão unilateral dos grevistas.

Governo inglês definha e a premiê Liz Truss demite ministro para ganhar tempo

O governo conservador está “podre até o âmagô”, afirmaram sindicatos e partidos de oposição britânicos, diante da troca de ministro do Tesouro (‘chanceler’) anunciada pela primeira-ministra Liz Truss na sexta-feira (14), em meio a pedidos pela sua renúncia, onda de greves contra a queda do poder aquisitivo com centenas de milhares, queima de contas escorchantes de energia em manifestações e quase colapso da libra esterlina e dos títulos soberanos no mês passado.

Colapso que só não ocorreu devido à intervenção do Banco da Inglaterra, o BC inglês, para salvar a moeda britânica e fundos de pensão pendurados em derivativos. No lugar do aprendiz de feiticeiro Kwasi Kwarteng e seu fracassado “mini-orçamento”, cujo carro-chefe era os cortes de impostos dos mais ricos bancados com endividamento público e o corte dos gastos sociais, Truss nomeou o ex-ministro da Saúde, Jeremy Hunt.

Truss também se viu forçada a abandonar os planos de descartar o aumento do imposto sobre as corporações de 19% para 25% a partir de abril de 2023.

Como registrou o jornal progressista Morning Star, poucas horas antes de chamar Kwarteng de uma visita oficial aos EUA para demiti-lo, Truss havia insistido que estava “em sintonia” com seu ministro sobre os planos amplamente criticados de usar dinheiro emprestado para financiar cortes de impostos para os mais ricos, sob a alegação de que isso “aumentaria o crescimento”.

“Liz Truss demitiu seu chanceler por executar as políticas de Liz Truss – um conjunto de políticas que levou à turbulência nos mercados, uma corrida aos fundos de pensão e altas taxas de hipoteca para proprietários de imóveis em todo o país”, afirmou o dirigente trabalhista Jon Ashworth à BBC. Com 38 dias, a presença de Kwarteng à frente das finanças britânicas foi a segunda mais curta da história.

O ex-líder trabalhista Jeremy Corbyn tuitou: “Enquanto Liz Truss demite Kwasi Kwarteng por implementar as políticas econômicas dela, milhões de pessoas ainda estão esperando por um plano para enfrentar a emergência do custo de vida. Não importa quantos chanceleres eles passem, este governo conservador está podre em seu âmagô.”

FORA TRUSS

Até mesmo dentro dos “Tories” – como são conhecidos os conservadores ingleses – cresce a pressão pelo afastamento de Truss, que tomou posse há menos de seis semanas, no lugar de Boris Johnson, torrado por sucessivos escândalos.

O principal trunfo para Truss ser eleita na disputa interna nas hostes conservadoras foi sua agressiva atitude anti-Rússia – era a ministra das Relações Exteriores -, em que sequer faltou uma declaração por ir à guerra nuclear, bem como suas caras e bocas de a nova clone de Madame Thatcher.

A secretária-geral da principal central sindical inglesa, a TUC, Frances O’Grady, disse que as últimas tentativas da primeira-ministra de permanecer no cargo fariam pouca diferença para a maioria das pessoas, já que o “orçamento kamikaze dos conservadores já custou milhões” às famílias.

“A meia volta não ajudará as famílias já atingidas por hipotecas mais altas e preços mais altos e demitir o chanceler por implementar os planos da primeira-ministra não é a mudança total de direção de que precisamos”.

O’Grady denunciou que “a primeira prioridade desse governo foi cortar impostos para os ricos e grandes empresas e remover o limite dos bônus dos banqueiros”.

“Precisamos de um governo que faça a coisa certa – começando com o aumento dos salários, colocando mais dinheiro nos bolsos das famílias trabalhadoras e protegendo nossos serviços públicos”, sublinhou. “E assim que paramos a recessão que se aproxima e protegemos as famílias nesta emergência de custo de vida.”

“FAÇA A COISA CERTA E RENUNCIE”

A secretária-geral do sindicato Unison, Christina McAnea, pediu a Truss que faça “a coisa certa e renuncie”. “Se a primeira-ministra tivesse ouvido alguém com conhecimento de economia ou um pouco de bom senso, o país não estaria em uma bagunça tão profana”, acrescentou.

“Sinos de alarme soarão nos serviços públicos do Reino Unido”, assinalou, denunciando que quando Truss fala de serviços-chave mais eficientes, “isso é código para mais cortes”.

“O NHS [o SUS britânico] está de joelhos e sua equipe está sem chão. A maneira de torná-lo mais eficiente é investir mais em serviços e em sua força de trabalho, dar vida à nossa instituição mais amada e enfrentar o atraso. Se Liz Truss leva a sério a restauração da estabilidade, ela deve renunciar”, acrescentou.

Há uma rebelião aberta no Partido Conservador, ameaçado de uma derrota fragorosa nas urnas. Um deputado chamou o ministério de Truss de “jihadistas libertários que estão destruindo o partido”. Robert Halfon, presidente do comitê seletor de educação, acusou-a de “destruir os últimos dez anos de governo conservador”.

Trabalhistas, liberais democráticos e nacionalistas escoceses (SNP) estão pedindo uma eleição geral. “O que precisamos não é apenas a mudança de ministro do Tesouro, precisamos de uma mudança de governo”, disse Ashworth.

Leia a íntegra da matéria no site do HP

Elias Jabbour: ‘Xi Jinping aponta os caminhos do socialismo chinês’



Xi Jinping discursa na abertura do 20º Congresso do PC da China (Foto: CGTN)

Alemanha e França reclamam do “preço astronômico” que EUA cobra por seu gás

Em menos de dez dias, dois ministros da economia europeus, o alemão Robert Habeck e o francês Bruno Le Maire, chiaram do preço extorsivo que os EUA estão cobrando por seu gás – efeito colateral agradável (para Washington) das sanções sobre a energia russa.

Le Maire afirmou que é inaceitável que os Estados Unidos vendam gás liquefeito superfaturado: para os europeus, o preço chega a quatro vezes aquilo que o fabricante cobra [nos EUA]. Ele acrescentou, em depoimento ao parlamento francês, que o conflito na Ucrânia “não deve resultar no domínio econômico dos EUA e no enfraquecimento da UE”.

Atualmente, o preço do gás natural nos Estados Unidos é de US\$ 7,88 dólares por milhão de unidades térmicas britânicas, um custo que não era alcançado desde 2008. Na Europa, após a sabotagem do

Nord Stream 1 e NordStream 2, o preço alcançou US\$ 57,90. Segundo estimativas de analistas financeiros do Refinitiv Eikon, os EUA exportaram para a Europa em setembro 4,37 milhões de toneladas de gás liquefeito, o que corresponde a 70% de todas as suas exportações da commodity.

Há alguns dias, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, havia alertado que os norte-americanos estão ficando ricos às custas da crise energética que eles mesmos causaram na Europa, vendem o gás pelo triplo do preço e os europeus pagam. (O ministro francês diz que é “pelo quádruplo”, o que já deve incluir a valorização pós-atentado contra o Nord Stream).

Pouco antes, a reclamação sobre os ‘mui amigos’ norte-americanos partira

de Habeck, aliás líder do mais pró-americano partido da Alemanha na atualidade.

Em entrevista a um jornal regional, citada pela NBC News, o ministro da economia do governo Scholz admitira que os EUA e outros “países amigos” fornecedores de gás estão lucrando com o agravamento da crise de energia na EU.

“OPORTUNIDADE”

“Alguns países, inclusive os amigos, às vezes atingem preços astronômicos [pelo gás]. Claro, isso traz problemas sobre os quais temos que conversar”, assinalou Habeck, na entrevista.

Habeck pediu mais “solidariedade” de Washington quando se trata de ajudar seus aliados pressionados pela escassez de energia na Europa.

Leia mais no site do HP

China moderniza a produção de algodão em Xinjiang

O investimento em pesquisa, ciência e tecnologia possibilitou que o governo chinês já esteja utilizando gigantescas colheitadeiras na safra de milhões de hectares de algodão na Região Autônoma Uigur de Xinjiang, no noroeste do país, fazendo com que a produção apareça como um “mar branco de flores”. A iniciativa potencializa a capacidade do processo produtivo em até cinco vezes e reduz significativamente a intensidade do trabalho, reconhecido pela sua complexidade e dureza.

“Em 2022, todo o algodão da minha casa é coletado por máquina e espera-se que a colheita seja concluída em quatro dias. A colheita do algodão com máquina reduz nossos custos e melhora a eficiência. Estamos felizes com isso”, afirmou Chen Por Xu Yelu, agricultor que é um dos símbolos da modernização e que teve o seu plantio transmitido ao vivo na quarta-feira (12) para centenas de milhares de internautas.

Para permitir que mais pessoas aprendam sobre o processo de colheita mecanizada de algodão nas cinco maiores áreas de cultivo de

algodão de Xinjiang, centenas de meios de comunicação divulgaram como a melhoria do processo produtivo na região tem impactado positivamente nas condições de vida e de trabalho.

Conforme informado pela mídia local, a área de manejo per capita do algodão colhido à máquina atingiu mais de 200 mu (13,3 hectares), com a eficiência do manejo sendo de três a cinco vezes maior do que a do colhido a dedo. “Plantei mais de 1.000 mu de algodão este ano, com rendimento de cerca de 400 quilos por mu. Desde a temporada de primavera, adotamos a tecnologia de semeadura de precisão guiada pelo BeiDou Satellite. Agora, o erro vertical da linha de semeadura é realmente pequeno, o que garante que o colhedor de algodão possa ser usado para a colheita”, esclareceu Chen Por Xu Yelu.

As observações do produtor rural foram uma resposta contundente às mentiras do chamado “trabalho forçado em Xinjiang”, reproduzidos à exaustão

pela propaganda da mídia ocidental. Vários internautas aplaudiram o que identificaram como vistas da “modernização agrícola”, dizendo que estavam assistindo ao plantio de roupas novas. Outros fizeram piadas e declararam que talvez a Embaixada dos EUA tuite que a China está forçando as máquinas a funcionar.

De acordo com o apresentador, Chen Ting, que está auxiliando na venda de produtos de algodão em plataformas de transmissão ao vivo, algumas das melhores mercadorias são as colchas escolhidas a dedo, que possuem fortes níveis de aconchego, conforto e permeabilidade ao ar, além de produtos culturais e criativos, como buquês. “Como praticante de novas mídias e natural da Prefeitura Autônoma da Mongólia de Bortala, é um prazer usar meu próprio tráfego para divulgar nossos produtos de alta qualidade”, relatou.

Matéria completa no site do HP

Confusão mental: Biden disse que seu filho morreu na guerra mas ele foi vítima de câncer

O muito comentado estado mental do presidente norte-americano Joe Biden voltou a ser motivo de preocupação na Casa Branca e arredores na quarta-feira, quando, ao discursar no estado do Colorado, ele asseverou que seu filho Beau “perdeu a vida no Iraque” – ou seja, confundiu (por anos) a data da morte do primogênito; confundiu o local (por milhares de quilômetros), e também a causa da morte (de câncer na cabeça, não na guerra).

Beau, seu filho primogênito, não “morreu no Iraque” como ele relatou no comício, mas nos EUA, em 2015, dois anos após ter um câncer diagnosticado. Ele serviu no Iraque entre outubro de 2008 a setembro de 2009. Ou seja, a morte ocorreu quase seis anos após sua participação na invasão, em que chegou a ser condecorado com uma Estrela de Bronze.

A recente confusão de Biden se soma a uma longa lista de tropeços que chamam a atenção até daqueles que têm a maior boa vontade com o idoso presidente.

Um episódio que viralizou nas redes sociais foi quando, após fazer uma preleção, foi flagrado pelas câmeras se dirigindo a um espaço vazio e estendendo a mão para cumprimentar uma pessoa inexistente.

No mês passado, o presidente dos EUA admitiu que mentiu sobre ter sido preso enquanto tentava ver Nelson Mandela.

Em julho Biden afirmou que tinha câncer de pele devido aos efeitos da poluição ambiental, o que entra em contradição com um relatório de seu médico Kevin O’Connor,

do final de 2021, que constatou que “não há áreas suspeitas de câncer de pele no momento”.

Há algumas semanas ele garantiu que entrou no Senado do país “há 720 anos”. No final de setembro, Biden se dirigiu à deputada Jackie Walorski, que havia morrido no mês anterior em um acidente de trânsito, durante uma conferência na Casa Branca, e perguntou se ela estava na sala.

Em suma, para quem vive falando em “Armagedon”, cumprimenta gente inexistente, no vazio, não tem mais ideia de quando e onde o filho mais velho morreu e, ainda, está sempre acompanhado da ‘maleta nuclear’, não há como tanta confusão mental de Biden não fazer soar os alarmes.

“O dirigente chinês buscou pontuar que o desafio de adaptação do marxismo à realidade chinesa é o caminho. Construir um sistema de governo e de governança usando o marxismo como base teórica e ideológica fundamental é algo de importância central”, observa o professor da UERJ, em uma primeira análise do discurso de Xi ao 20º Congresso do PCCh

ELIAS JABBOUR(*)

O secretário-geral do Partido Comunista da China e presidente da República Popular, Xi Jinping, concluiu neste domingo (16) seu informe político ao 20º Congresso do Partido Comunista da China com inúmeros pontos que podem ser destacados por analistas de várias áreas e especialidades. Na verdade, ficou claro no decorrer do seu informe a centralidade do exercício da governança por um Partido Comunista em um país com as dimensões da China.

O informe é muito enfático neste sentido. Em primeiro lugar, uma grande parte de seu informe não somente se resumiu a destacar as grandes conquistas do povo chinês nos últimos dez anos, a começar pela erradicação da pobreza extrema, passando pela crescente capacidade do país em explorar com mais profundidade o espaço sideral com grandes descobertas sobre a Lua e o planeta Marte e o impressionante dado acerca de a China ter se tornado o maior parceiro comercial de mais de 140 países.

Mas ao colocar esses feitos aos delegados do Congresso, Xi Jinping enfatiza a necessidade diária de se buscar adaptar o marxismo à realidade chinesa. Para muitos, esse tipo de discurso pode passar despercebido em meio ao longo tempo dedicado ao informe. Pensamos diferente. A China está diante de desafios cada vez maiores, tanto interna quanto externamente. Quanto mais longe vai chegando a experiência chinesa, maior o desafio que se coloca a um partido marxista de como exercer o poder político. Os países capitalistas o fazem de forma simples: entregando o poder do Estado às classes dominantes, que por sua vez, transformam seu poder econômico em controle sobre as massas populares, incluindo a violência policial.

Xi Jinping buscou pontuar que esse desafio de adaptação do marxismo à realidade chinesa é a única solução de manutenção de poder no sentido de buscar soluções populares a problemas onde o capitalismo aplica soluções simples, voltadas a atender as demandas de uma minoria de ricos que controla o Estado. É a adaptação do marxismo à realidade chinesa que permitiu que a China, por exemplo, não somente construísse um grande sistema empresarial público, como o núcleo da economia do país, mas principalmente, de forma criativa, construiu as condições institucionais para que a grande propriedade pública produzisse não somente bens e serviços, mas também um grande aparato tecnológico (5G, Big Data, Inteligência Artificial) que capacitou a China tanto a duplicar a renda per capita nos últimos dez anos quanto a vencer a pandemia.

“Colocar o povo em primeiro lugar” é um princípio básico para a busca de soluções mar-



xistas a problemas comuns ao capitalismo e ao socialismo. Marx, em inúmeras passagens de “O Capital” e dos “Manuscritos Econômico-Filosóficos” deixa claro as possibilidades que a inovação tecnológica pode abrir à humanidade. Sob o capitalismo, essas possibilidades ficam restritas a pequenos grupos detentores dos meios de produção. No socialismo, o contrário, a tecnologia está a serviço do povo. O desafio da governança chinesa passa por construir um duro caminho de assegurar que toda evolução na base material da economia chinesa esteja a serviço das necessidades do país.

É nesse aspecto que a adaptação do marxismo à realidade chinesa passa, conforme pontuou Xi Jinping, pelo permanente aprimoramento e criação de instituições que aprofundem a democracia socialista com características chinesas. É uma tarefa árdua em um mundo cada vez mais hostil à experiência chinesa. Essa democracia socialista em construção, como solução marxista às questões de participação popular em uma sociedade milenar como a chinesa, passou recentemente por uma campanha de combate à corrupção que atingiu todas as esferas do Estado e do Partido Comunista. É o desafio da consolidação de relação de confiança entre o Partido Comunista e o povo que vai dar sustentação para que a China enfrente com sucesso seus desafios.

Construir um sistema de governo e de governança usando o marxismo como base teórica e ideológica fundamental é algo de importância central. O final da União Soviética deve-se muito ao fato da perda de vitalidade da teoria marxista e seu abandono por parte dos líderes da então União Soviética. Daí as soluções encontradas aos problemas soviéticos não terem sido capazes de atender as demandas do povo. A ênfase de Xi Jinping a esta questão que relaciona o desenvolvimento do marxismo o adaptando à realidade chinesa é a grande chave para compreender tanto os sucessos chineses nos últimos dez anos, quanto o futuro da Reforma Chinesa.

(*) Elias Jabbour é professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Artigo em colaboração com a Rádio Internacional da China

“A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica”, por Ronaldo Carmona (4)

Continuação da edição anterior

Na presidência de Barack Obama, os Estados Unidos alteram sua bússola geoestratégica, sepultando a centralidade da guerra ao terror, consequência do 11 de setembro de 2001, e proclamam a China como ameaça principal. Donald Trump radicaliza esse caminho, que é mantido, com nova coloração, na presidência de Joe Biden. Torna-se um novo consenso estratégico bipartidário americano o enfrentamento à China. A guerra na Ucrânia, contudo, gera um problema novo ao dividir as frentes geoestratégicas de engajamento do bloco norte-atlântico. Especialmente, introduz no Teatro de Operações europeu, num dos maiores países do continente, a Ucrânia, um ambiente de guerra cujo desfecho não se vê no horizonte

RONALDO CARMONA

Na geral, as sucessões de hegemonia ou eventos de crise e transições hegemônicas resolvem-se por meio da guerra, isto é, por meio do confronto geoestratégico, como demonstrou pesquisa recente de Graham Allison (2020), em seu A Caminho da Guerra: Os Estados Unidos e a China conseguiram escapar da Armadilha de Tucídides.

Na última troca de guarda, no início do século XX, a potência decadente (Inglaterra) foi defrontada por uma potência contestadora (Alemanha) em duas guerras mundiais, resultando na ascensão de um terceiro interessado, os Estados Unidos. Ao final da segunda grande guerra, os EUA estabelecem o ápice de seu poder mundial, que prosseguiria por todo o século XX, sendo reafirmado ao iniciar a última década do século com a vitória na Guerra Fria.

Na presidência de Barack Obama, os Estados Unidos alteram sua bússola geoestratégica, sepultando a centralidade da guerra ao terror, consequência do 11 de setembro de 2001, e proclamam a China como ameaça principal. Donald Trump radicaliza esse caminho, que é mantido, com nova coloração, na presidência de Joe Biden. Torna-se um novo consenso estratégico bipartidário americano o enfrentamento à China.

A guerra na Ucrânia, contudo, gera um problema novo ao dividir as frentes geoestratégicas de engajamento do bloco norte-atlântico. Especialmente, introduz no Teatro de Operações europeu, num dos maiores países do continente, a Ucrânia, um ambiente de guerra cujo desfecho não se vê no horizonte.

Seguindo o anteriormente preconizado por George Kennan[4] e contemporaneamente por John Mearsheimer[5], expoente da corrente realista americana, o nonagenário geopolítico americano Henry Kissinger advertiu, no último fórum de Davos, realizado durante a guerra – em meio às celebrações do grande capital financeiro internacional para a figura de Zelensky –, o erro da estratégia dos Estados Unidos ao abrir duas frentes e, mais que isso, favorecer a “amizade sem limites” entre os dois gigantes euroasiáticos, proclamada em 4 de fevereiro último, semanas antes da guerra, na abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pequim. Na teoria geopolítica clássica anglo-saxã, podemos dizer, a unidade dos dois gigantes euroasiáticos é o grande pesadelo entre seus grandes protagonistas, de Mackinder a Spykman, de Brzezinski a Kissinger – este último, aliás, autor da manobra geoestratégica há cinco décadas que impediu tal “amizade sem limites”.

Não obstante as advertências realistas, o comando “operacional” da estratégia americana – visando à continuidade de sua hegemonia no sistema global – parece estar sendo operada por expoentes de uma visão messiânica em política externa, bastante próxima ao Partido Democrata, que opera numa lógica ideológica de Guerra Fria contra os “autocratas”. Já a União Europeia, dividida, polarizada política e ideologicamente em seu interior, e sem maior clareza de seus objetivos estratégicos, após um período ensaiando um discurso sobre a necessidade de aumentar sua autonomia estratégica, com a guerra na Ucrânia, volta à condição de subordinação estratégica aos interesses de um setor de poder de Washington.

Nesse contexto é que se opera um relançamento da OTAN, cujo mandato teoricamente teria se encerrado com a Guerra Fria. Contudo, a guerra na Ucrânia e o sepultamento das ideias de autonomia estratégica dos europeus oferecem ambiente ideal para seu relançamento, o que ocorreu na reunião de Madri no final de junho. Nela, atualiza-se o Strategic Concept da Organização, que substitui o opaco documento de 2010 e proclama suas novas prioridades em linha com o ambiente geoestratégico contemporâneo: a Rússia e agora também a China como ameaças estratégicas principais, além de inserir a questão ambiental como “grande desafio” do século XXI, com implicações evidentes para o Brasil.

A guerra na Ucrânia também marcou o ingresso da Suécia e da Finlândia na OTAN. Em especial a entrada da Finlândia, por sua fronteira de 1.300 quilômetros com a Rússia e sinônimo de neutralidade – com o neologismo finlandização –, tem sido atribuída por analistas anglo-saxões como fator principal de derrota de Moscou no que diz respeito à sua demanda por manter um “cordão sanitário” da OTAN em relação a suas fronteiras. Contudo, essa novidade, se lida assim, talvez soe um tanto exagerada ao se observar que Suécia e Finlândia são membros da União Europeia desde 1995, sendo, a rigor, partícipes efetivos desse “bloco de poder atlântico” de fato desde então. O ingresso de ambas deriva de uma compressão do cenário geoestratégico europeu, no qual ambos os países interpretam a necessidade de alinharem-se, agora organicamente, à OTAN. Vale lembrar ainda que a Rússia, efetivamente, já faz fronteira com a OTAN desde o ingresso dos países bálticos em 2004. Quanto à Ucrânia, cujo convite para ingresso foi formulado pela primeira vez em 2008, as razões expostas no início deste trabalho tornam clara a maior sensibilidade – a “linha ver-



melha” – para Moscou.

Por fim, há que se destacar que o ambiente geoestratégico global observa uma ampliação do gasto militar ao lado de uma nova corrida armamentista, sobretudo em torno de tecnologias duais que possuem relação com a Quarta Revolução Industrial e a indústria de Defesa, tais como Inteligência Artificial e sua aplicação a sistemas autônomos, Ciberespaço e atividade espacial, dentre outras. Trata-se de fenômeno a monitorar, com grandes implicações para o cenário de segurança internacional vindouro.

A GUERRA NA UCRÂNIA E AS DISRUPÇÕES RECENTES NO MUNDO: QUESTÕES PRELIMINARES PARA REDEFINIÇÃO DA “GRANDE ESTRATÉGIA” BRASILEIRA

As análises apresentadas neste trabalho, realizadas, como dito, de modo preliminar, tendo em vista observar evento ainda em desenvolvimento, já permitem, contudo, extrair um conjunto de questões ou recomendações que serão necessárias levar em consideração para o desafio evidente que se estabelece de atualizar a estratégia nacional. Afinal, há uma mudança estrutural do cenário geopolítico e geoestratégico que, a um grande país como o Brasil, não poderá deixar de gerar consequências.

Uma primeira questão – ou uma premissa – relaciona-se a compreender como funciona o mundo e quais as características e o papel do Brasil nele. Aos brasileiros, habitantes de um dos grandes países do mundo, com maior população e extensos recursos potenciais, não cabe iludir-se coletivamente sobre a natureza do sistema interestatal. A guerra e mais amplamente os eventos sequenciados dos últimos 15 anos demonstram que as grandes nações buscam, primordialmente, realizar seus próprios interesses nacionais, realizando alianças adequadas à potencialização desses mesmos interesses. Não cabe agirmos diferente.

Um segundo fator a compreender da análise da situação geopolítica contemporânea é o fato que grandes países

de dimensão continental, como é o caso do Brasil, são objeto de assédio indireto ou dissimulado por parte de outras potências no sentido de dividi-los, seja territorialmente, seja no que diz respeito à sua unidade nacional.

Hodiernamente, instrumentos similares ao que se tem denominado como guerra híbrida são de larga utilização, em regra, de forma dissimulada por parte das grandes potências. Viabilizar uma série de contramedidas às guerras indiretas e por múltiplos meios é tarefa que se impõe, do ponto de vista geoestratégico.

Um grande país, coeso do ponto de vista psicossocial e guarnecido na preservação de sua grandeza e integração nacional, é inconquistável por sua retaguarda e fatores potenciais de força, sobretudo por possuir abundantes excedentes de recursos mobilizáveis. Assim, sua grandeza e unidade são alvo central de outros que possuem objetivos de hegemonia no sistema interestatal.

Grandes potências também se tornam vulneráveis à medida que outras potências buscam assediar seu entorno geográfico, pretendendo fomentar a discórdia e o dissenso, explorando problemas reais, como de assimetrias de desenvolvimento, ou imaginários, relativos a manobras psicossociais. O Brasil – ensinou há quase um século um dos pioneiros de nossa geopolítica, Mário Travassos – precisa buscar na sua projeção continental, um fator de força de seu projeto nacional. Noutras palavras, uma política e uma estratégia continentalista não é uma opção ao Brasil, é uma necessidade irrenunciável que nenhuma ideologia poderá pôr em questão. Trata-se de um fator de Estado.

Uma outra questão, referente à necessidade de compreender mudanças e continuidades no fenômeno da guerra, isto é, da forma mais aguda da política, como diria a máxima clausewitziana. Cada vez mais, principalmente tendo em vista as características territoriais do Brasil, a decapitação do Poder Nacional buscará ser feita pelo domínio e colonização de suas elites pensantes – políticas, intelectuais, econômicas e sociais. No momento anterior da grande alteração verificada no fenômeno da guerra, nosso

país estruturou um centro de pensamento voltado a essa reflexão sobre as consequências ao Brasil, a Escola Superior de Guerra. Urge atualizar a percepção sobre a natureza que adquire a guerra moderna, num esforço de reflexão de múltiplos centros e think tanks voltados ao pensamento estratégico.

O mundo atual também ensina não ser possível seguir sendo o Brasil um país desarmado; desarmado no sentido de não poder fazer frente às ameaças contemporâneas e sobretudo a ameaças de agressões por parte de potências militarmente superiores que podem – e num determinado contexto certamente irão – cobiçar recursos, bens ou fatores de grandeza brasileira, sobretudo aqueles que temos em abundância e escasseiam em outras partes – que vão de minerais críticos à água doce, de biodiversidade a fontes de energia, de terras agricultáveis a recursos oceânicos.

O mundo também nos ensina que não podemos abrir mão de um pujante parque industrial, agora adequado às necessidades e condições do século XXI, isto é, da Quarta Revolução Industrial, cujas tecnologias emergentes, de natureza dual, são objeto de uma intensa corrida tecnológica por parte das principais potências na atualidade.

O ativismo industrialista, que hoje mobiliza as principais potências no mundo, deve ser por nós estudado e servir de base para a formulação de uma própria estratégia de política industrial ancorada na inovação. Esse é um imperativo da época, ao qual não cabem objeções ideológicas como as que temos observado no Brasil, mas não nas experiências internacionais. Trata-se, portanto, de ter centro numa estratégia de reindustrialização nacional, em linha com as melhores práticas que se observam no mundo. Há que se considerar que o movimento de reorganização das cadeias de produção e de valor no mundo abre espaço para esse projeto nacional reindustrializador.

Contudo, o movimento de friendly-shoring – que tem sido exaltado por alguns, como a atual equipe econômica, como a redenção para o Brasil – deve ser observado no seu aspecto de segurança nacional, isto é, da tentativa



de grandes potências norte-atlânticas de dominar recursos brasileiros. Estes recursos brasileiros, porém, devem servir e ser parte de um projeto geopolítico, que potencialize nossa reindustrialização. O pior cenário seria o de franquearmos a outras potências o livre acesso a nossos recursos, sem ser parte de uma equação estratégica mais sofisticada por parte do Estado brasileiro.

Assim, precisamos tratar da necessidade de aproveitarmos nossos “fatores de força” e de “mitigar nossas vulnerabilidades”. Tenho defendido que nosso país estruture algo similar a uma Estratégia de Segurança Nacional[6]. Dentre os fatores de força evidentes de nosso país, estão nossa capacidade de produção de alimentos, nosso potencial energético e nossos recursos naturais, especialmente os ambientais. Tendo como premissa que esses fatores não podem nos condenar a ser a parte menos sofisticada das cadeias de valor, isto é, uma divisão internacional do trabalho assimétrica, nossa busca é exatamente a inversa, a de fazer desses recursos os nossos fatores de força, por meio da ciência, tecnologia e inovação. Ainda nesse quadro, tampouco devemos aceitar o papel de “vilões” do sistema internacional devido a um dos nossos fatores de força mais destacados, a pujança ambiental. Compreender o grande jogo geopolítico que se trava em torno da questão ambiental e ter consciência que, sim, existe uma geopolítica da energia e dos alimentos, são lições que urge ser extraídas do atual cenário internacional. Aqui, não cabe ingenuidade, ao contrário, esses bens e fatores de força devem servir a uma estratégia geral que nos permita, a partir deles, fortalecer a barganha em torno de nossos interesses nacionais mais destacados.

Afinal, a Covid-19 e depois a guerra na Ucrânia explicitaram que, sim, há uma geopolítica de energia e uma geopolítica dos alimentos, para além da ingenuidade (ou cinismo) liberal, que apresenta o fluxo desses dois insumos vitais como tão somente uma atividade de mercado. O Brasil, produtor de alimentos para pelo menos 800 milhões de habitantes, segundo a Embra-pa (2021), e já o sétimo maior produtor mundial de petróleo do mundo (TV Senado 2021), em vias de se tornar o quinto maior exportador de petróleo do mundo (Bitencourt 2021), precisa tomar consciência disso diante deste novo cenário.

Por fim, mas não menos importante: ao Brasil, interessa trabalhar por um cenário de multipolarização do poder mundial, que permita maior margem de manobra ao desenvolvimento de nosso próprio projeto nacional. Instrumentos como os BRICS e sua versão alargada, um BRICS Plus, são movimentos geopolíticos táticos no cenário atual que permitem maior capacidade ao Brasil de observar seus próprios interesses. O pior dos mundos seria o de precisarmos optar por um ou outro condomínio de poder. O Brasil é grande demais para ser parte do projeto de outros.

Ver notas no site